

Ser margarida em tempos de cólera: Uma etnografia feminista na 6ª Marcha das Margaridas

DAYANE NASCIMENTO SOBREIRA 

Universidade Federal de Campina Grande | Campina Grande, PB, Brasil

dayanesobreira26@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v33i2pe226312

resumo Nesta apresentação, intencionamos destacar o protagonismo de mulheres do campo, das águas e das florestas – autodenominadas Margaridas – na luta por direitos no Brasil. Considerada hoje a maior ação de mulheres da América Latina, a Marcha agrega a luta por redistribuição, reconhecimento e representação desde os territórios, desafiando as estruturas do racismo, do patriarcado e do capitalismo, e as interdições historicamente direcionadas a elas, mulheres rurais. Essas mulheres desafiam as fronteiras dos próprios feminismos, reelaborando-os, a partir de suas experiências e especificidades. Traremos experiências comuns compartilhadas e etnografadas na 6ª Marcha das Margaridas, cuja culminância se deu em agosto de 2019, na capital federal.

palavras-chave Marcha das Margaridas; Feminismo rural; Etnografia feminista; território

Ser margarita en tiempos de ira: Una etnografía feminista sobre la 6ª Marcha das Margaridas

abstract En esta presentación, pretendemos destacar el protagonismo de las mujeres del campo, de las aguas y de los bosques – autodenominadas Margaridas – en la lucha por los derechos en Brasil. Considerada hoy la mayor acción de mujeres en América Latina, la Marcha reúne la lucha por la redistribución, el reconocimiento y la representación desde los territorios, desafiando las estructuras del racismo, del patriarcado y del capitalismo, y las interdicciones históricamente dirigidas a ellas, las mujeres rurales. Estas mujeres desafían los límites del propio feminismo, reelaborándolo a partir de sus experiencias y especificidades. Presentaremos experiencias comunes compartidas y etnografiadas en la 6ª Marcha das Margaridas, que culminó en agosto de 2019 en la capital federal.

keywords Marcha das Margaridas; Feminismo rural; Etnografia feminista; territorio

Dentre uma das muitas definições possíveis para o marchar, os dicionários nos falam em mudança de posição no espaço, em deslocamento, avanço. Tal ação guia as Margaridas desde as suas bases rumo a Brasília a cada quatro anos, construindo a que é considerada hoje a maior ação de mulheres da América Latina. Elas são direcionadas por suas necessidades e seus desejos de mudança. Não são poucos os enfrentamentos, as disputas de narrativas em um mundo que nos oprime por suas condições de classe, gênero, raça/etnia, geração, sexualidade, território – a citar algumas. Estive imersa no processo de preparação e avaliação e na própria Marcha das Margaridas, em 2019, junto com as Margaridas da Paraíba. Na oportunidade, entrevistei algumas delas em nossa viagem para Brasília, no mês de agosto do mesmo ano. Um misto de ansiedade tomou conta desde que decidi acompanhá-las na tentativa de realizar uma etnografia feminista da 6ª Marcha.



e226312

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v32i2pe226312>

Havia medo, mas também havia expectativa em participar de um processo tão articulado com suas bases. Viajei de Salvador-BA para São Sebastião de Lagoa de Roça-PB de ônibus numa quinta-feira, com tempo folgado para descansar e partir de Campina Grande a Brasília com as Margaridas no domingo. Saí da Bahia para mais ao Norte, voltei atravessando o estado, em direção ao Oeste. Retornei fazendo o caminho inverso.

Passei uns 15 dias em trânsito, mas estava preparada: os ambulantes da Avenida Sete, em Salvador, me ajudaram. Fui com uma bolsa de equipamentos: carregadores portáteis, cabos USB, gravador de voz, tudo a postos. Não queria perder nada. Nem sabia se conseguiria dar conta do tanto de informação que eu imaginava coletar – uma quimera! - Contudo, abstraí o máximo, me vali também de muitos materiais produzidos por terceiros/as, disponíveis na Internet, por exemplo, de materiais compartilhados nos grupos de WhatsApp.

Voltei feliz. Reenergizada para seguir com a produção desse relato, que, inclusive, é parte de minha tese de doutorado (Sobreira, 2022). Consegui fechar toda a parte documental antes da pandemia de Covid-19 ter sido deflagrada. Conversei com muitos/as amigos/as que foram prejudicados por não terem conseguido ir a campo em virtude do cenário. Nesse sentido, estive aliviada. Precisei lidar com outros remanejamentos, que não esse. Não foi fácil, obviamente, mas a gente seguiu lidando com o possível.

A viagem rumo a Brasília iniciou num domingo à tarde, de dia dos pais, data simbólica para algumas das Margaridas que acompanhei. Algumas tinham conseguido almoçar com os seus pais, outras precisaram sair muito cedo de suas comunidades, mas não estavam tristes, sabiam que, para viver a luta, era preciso fazer renúncias. Meu pai me deixou no centro da cidade de Lagoa de Roça, onde mora e onde também eu estava hospedada, local onde passaria a van com mulheres que vinham dos municípios de Esperança, Areial e Montadas do estado da Paraíba. Encontramos as demais próximo à rodoviária de Campina Grande, ponto de encontro. Ao entrar na van, junto com duas outras colegas, fomos questionadas se era aquela a nossa primeira marcha, talvez pelo número de malas e pela ansiedade nítida que transmitíamos. Fomos bem acolhidas, nós, as “Margaridinhas”, como chamaram, e que foi motivo de risos.

Juntas percorremos pouco mais de 4.600 km entre a viagem de ida e de volta. Na ida, levamos exatas 48h para chegar ao Pavilhão do Parque da cidade. A volta transcorreu-se mais rápida: durou em média 45 horas, saímos de Brasília às 13h da quarta, dia 14; às 10h da manhã da sexta-feira já estava na casa de minha mãe, em São Sebastião de Lagoa de Roça-PB, que dista 15 km de Campina Grande, cidade polo da região. O percurso de ida foi realizado via Petrolina-PE, enquanto o de volta se deu passando pelo anel viário de Feira de Santana-BA. Fomos e voltamos no mesmo veículo, que dispunha de dois motoristas que se revezaram no trajeto.

Todas levavam reservas de comida, água e frutas. Eu fui com minha caixinha de isopor a tiracolo. No lanche da tarde, o milho cozido, colhido no roçado de meus pais, que levei e compartilhei, ainda estava quentinho. No percurso, nem dava tempo de sentir fome:

frutas, biscoitos, salgadinhos, doces, eram fartos e sempre compartilhados. Uma delas levou um saco de laranjas!

Fomos em um dos cinco ônibus que levavam a delegação da Paraíba. As mulheres organizadas no Polo Sindical da Borborema eram maioria, mas dividiam o espaço com mulheres de outras organizações como Casaco, Folia, Coletivo Regional e outras do Médio Sertão. Os demais ônibus saíram de João Pessoa, capital, e também do Brejo. O ponto de encontro foi no Sertão, em Patos, para o jantar na sede da FETAG. Em conversas informais, as coordenadoras do ônibus, em que eu estava, mencionavam que aquela recepção dizia muito em relação a um diálogo movimentos/Federação não visto nas edições anteriores. Esperamos por volta de três horas até que todos os veículos chegassem e as mulheres se alimentassem. Estava muito quente, ainda estávamos no estado da Paraíba e a fisionomia de algumas já revelava aparente cansaço. Aproveitamos para tomar banho e descansar. Antes da saída em comboio, rezamos. A religiosidade popular católica é muito forte entre as Margaridas. Uma ou outra Margarida protestante estiveram conosco, embora as católicas sejam maioria. A religião é fundante na vida delas, como a própria Marcha.

Nos preparativos para sair, ainda em Campina Grande, recebemos chapéus adornados com fuxicos de margaridas e também informes de segurança já repassados nos grupos de WhatsApp. Fui adicionada em dois deles: Marcha das Margaridas PB e Marcha das Margaridas PB01, cujos objetivos eram possibilitar a troca de informações sobre o processo, bem como, o compartilhamento de documentos e circulares. Por fim, foram espaços de trocas entre as mulheres. As mulheres dos municípios que compõem o Polo da Borborema receberam uma quantia individual no valor de R\$ 200,00 (duzentos reais) para custear as despesas com alimentação, a qual também recebi por estar indo representando o município de Lagoa de Roça. Saímos de Campina Grande por volta das 14hs do domingo, dia 11, após rezarmos a oração do Pai Nosso.

Aproveitei já o momento da tarde para começar as entrevistas. Comuniquei coletivamente a todas já no começo da viagem sobre as minhas intenções de pesquisa e dei início às conversas. Ao dialogar com elas sobre a possibilidade de gravar seus depoimentos, reforçava os objetivos da investigação. Para isso, foi preciso remanejar os assentos da Margaridas que estavam do lado da que iria ser entrevistada. Era um remanejamento até certo ponto inconveniente. E, logo, as entrevistas foram realizadas com aquelas em que eu conseguia organizar um ambiente propício à gravação no ambiente interno do ônibus.

Eu chegava com jeitinho, em tom de negociação. A que estava na poltrona do lado oposto geralmente ouvia a conversa que se desenrolava e eu percebia que já ficava a pensar nas respostas que daria caso fosse ela a próxima entrevistada. Entendo que isso também interferiu no teor das respostas, embora elas aparentassem não ter o que esconder a despeito de suas histórias – de vida e de lutas. Algumas foram bem receptivas, já esperavam a minha chegada convidativa, outras ficaram mais acuadas. No decorrer da viagem todas nós nos soltamos mais. Uma das primeiras Margaridas que entrevistei foi Kátia, que relatou que o ex-marido a proibia de estudar e participar de reuniões e mobilizações do sindicato. Mãe, divorciada, agricultora familiar, também é cuidadora de idosos, diz que precisou criar estratégias para se ausentar durante uma semana. Ela, que sempre cuida da

plantação, dos animais, dos filhos e de idosos, se permitiu sair, estar em passagem, enfrentar a estrada, os medos e as relações de poder postas. Ela estava feliz em me falar isso. Sua fala era de catarse, parecia mostrar para ela mesma sua força.

A ideia do sacrifício e da abdicação era evocada e percebida em vários momentos da viagem, nas falas das mulheres e até de quando ocorreram pequenas tensões, quando algumas delas, que estavam nos fundos do veículo, reclamavam do mau cheiro advindo do banheiro. Logo eram advertidas: “quem vai para a luta tem que deixar a frescura em casa!”. Afinal, aquele não era momento para lamúrias, elas saíram de casa sabendo que não ia ser fácil. Era preciso coragem. Apesar de conflitos como o citado, momentos de solidariedade, cuidados e cooperação entre as mulheres foram mais comuns. As Margaridas dividiam a comida, a bebida, as risadas e ouviam atentamente as histórias umas das outras e pareciam não se envergonhar delas.

Algumas se orgulhavam da cachacinha brejeira (de qualidade!) que levavam em suas bolsas e faziam questão de mostrar para todas, garantindo o riso intencionado pela alegria etílica e descontraída que viveriam em algum momento do caminho. Ele aconteceu, não só em um momento, mas em vários, quando rimos bastante e cantamos no karaokê improvisado (espaço que também era usado para o repasse de informes e para rezas e cânticos). Impreterivelmente, às 18h rezávamos o terço.

Não foram poucas as vezes que me chamavam para controlar algum chiado ou trocar os CDs de forró que embalavam a viagem. Eliane, a rainha do forró, foi a trilha sonora de boa parte do percurso. Me viam com gravador e carregadores nas mãos, logo, parecia que era eu alguém que entendia do assunto. Nessa troca, fui convidada a rezar um mistério do terço em nome da juventude, eu, que apesar de ter tido uma criação católica, já não lembrava mais a ordem das rezas. Fiquei nervosa, desconversei, naquele momento me senti diferente das Margaridas, eu, do meu lugar de Margarida-etnógrafa, aqui autora, tinha medo da reprovação do grupo. Era ora “estabelecida”, ora “outsider” (Elias; Scotson, 2000). Sobre esse lugar da autoria na Antropologia, Clifford Geertz (2009) provoca-nos a pensar que nenhum texto é anônimo, ainda mais um texto que se diga etnográfico. Entre o visto, o sentido, o experienciado e a investida escriturística, o desafio se faz quase na “busca interminável de agulhas invisíveis em palheiros invisíveis” (Geertz, 2009: 39). O transpor para o papel de experiências, teorias, diálogos, (in)conclusões - a própria composição de um texto antropológico. Da mística do trabalho de campo, minhas impressões.

Quando chegamos, por volta das 14h, a programação já tinha se iniciado, o que comprometeu alguns planejamentos prévios que tínhamos feito, como, por exemplo, em qual oficina ir ou até mesmo o encontro com companheiras de outros Estados. No alojamento, ficamos agrupadas por delegações. A alimentação era distribuída em quentinhas. Chegamos com fome, já era tarde e as atividades da programação já estavam acontecendo. As pulseiras de entrada nos foram entregues na chegada mesmo. Não tive tempo de descansar, almocei, vesti uma roupa mais leve e acompanhei parte do painel sobre terra, territórios, maretórios e bens comuns, além da oficina sobre soberania alimentar e agroecologia.

A efusão de sotaques, cores, batuques me deixaram anestesiada; eu nem sabia direito em que focar. Estavam acontecendo painéis temáticos, oficinas, rodas de conversa,

além da Mostra Saberes e Sabores das Margaridas. Era um momento em que as Margaridas também aproveitavam para vender seus produtos, mas não só elas – a entrada do Parque da Cidade estava repleta de vendedores ambulantes que vendiam as mais diferentes bugigangas que poderiam ser úteis a elas, distantes de casa e em passagem. Eram carregadores de celular, caixinhas de som, artesanatos, roupas, lanches, lembrancinhas da capital federal.

A Plataforma Política, de caráter de denúncia e proposição, foi distribuída durante os dois dias de atividades da Marcha, a saber: 1) atividades, plenárias, abertura e atividades culturais; 2) ato e encerramento. Nesse sentido, ao passo em que acompanhava algumas dessas atividades, também comecei a abordar algumas Margaridas e entrevistá-las. Me chamou atenção que algumas, as mais tímidas, indicavam conversar com a que, dentre elas, parecia ser “mais falante”, ou que exercia algum cargo de liderança em suas comunidades. Isso aconteceu quando conversei com algumas Margaridas do Pará e do Rio Grande do Sul. Tentei começar uma conversa informal com algumas delas, mas o papo acabava sendo assumido pelas mais falantes.

Levei um cartãozinho com meus contatos, que eu entregava a elas, e também anotava os seus telefones. Todas tinham aparelho celular, alguns com acesso à Internet, quase todos. Consegui conversar com algumas após a chegada de Brasília. Entrevistei-as com um gravador, celular e caderno na mão e estava vestida com um short, que comprei ali mesmo na frente do alojamento, pois eu não tinha tido tempo de tomar banho e estava muito quente. Também com chinelo Havaianas no pé, além de, claro, meu chapéu de palha – elemento de identificação das Margaridas. Imagino eu que essa leitura física, somada a minha condição de jovem, me fez ser lida como uma estudante curiosa pelas histórias delas. Tinha o cuidado de tão logo anunciar o teor da pesquisa, de que se tratava de uma pesquisa de doutorado e que mais: era eu também uma Margarida e eu sempre mencionava que era da Paraíba. Hoje está claro para mim que aquelas não eram meras estratégias de recepção, eram também estratégias de aceitação no grupo, que eu integrava e pesquisava.

O ato da Marcha ocorreu no dia 14 de agosto. A concentração começou bem cedo ainda no alojamento, no Pavilhão do Parque da Cidade. O clima seco e quente de Brasília contrasta com o frio que vai indo embora junto com os raios de sol que chegam. Assim, com frio e bem cedo, começamos a aquecer para a saída em marcha. Tendo levantado por volta das quatro horas da manhã, a impressão que tive é que muitas nem havia dormido. Ao abrir os olhos, já via muitas barracas sendo desmontadas, colchões de ar sendo esvaziados, lençóis recolhidos, começavam os preparativos para marchar. As bandeiras começavam a sair de dentro das malas, bem como chapéus e camisas da cor lilás. Estava muito frio, a água muito gelada e ainda escuro. Arrisquei escovar os dentes e deixei o banho para a viagem de volta. O cansaço das poucas horas de sono se misturava à ansiedade, mal consegui tomar café. Comi um pedaço de milho cozido que vendiam ali mesmo, na frente do alojamento. Antes de sair em marcha, guardamos os pertences nos ônibus que ficaram próximos ao local e que nos encontraram ao final do percurso para o retorno aos estados.

Ao longo do trajeto, caixas com água mineral foram disponibilizadas para evitar a desidratação visto que o percurso era longo, de aproximadamente seis quilômetros até à

Esplanada dos Ministérios. Saímos do Parque da Cidade por volta das 07h, chegando pouco mais das 10h.

© Sobreira, 2024



Figura 1. Margaridas em marcha. Sobreira. Registro da autora.



Figura 2. Margaridas em marcha. Sobreira. Registro da autora.

© Sobreira, 2024

© Sobreira, 2024



Figura 3. Margaridas em marcha. Sobreira. Registro da autora.

O encontro com a I Marcha das Mulheres Indígenas foi marcante e emocionante. Na verdade, todo o percurso. Eu não sabia se sentia ou registrava aquele misto de sensações que me passavam. Revezei o registro de falas, vídeos e fotografias com o simples marchar, portando a bandeira da Marcha pela Vida das Mulheres e pela Agroecologia e acompanhada de minhas companheiras de viagem. Ficamos próximas no alojamento e no percurso. Bandeiras, estandartes, batuques, cocares, cores e instrumentos musicais de percussão acompanhavam as mulheres no trajeto que foi do Parque da Cidade até à Esplanada dos Ministérios. O sol começava a esquentar, mas isso não parecia ser preocupação para essas mulheres, afinal, já estavam acostumadas com ele. Aproveitei para gravar depoimentos curtos de mulheres de outros estados, registrei tudo em vídeo.

A marcha seguiu com um ato de encerramento em frente ao Congresso Nacional, que contou com falas de Mazé Moraes, coordenadora da edição, representantes da Comissão Nacional por região, bem como de alguns deputados e deputadas como Lídice da Mata (PSB-BA) e Jandira Feghali (PCdoB-RJ). O ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, realizou a leitura da Carta do ex-presidente Lula às Margaridas¹.

Na ocasião, muitas Margaridas procuravam as sombras das árvores, faziam cabanas com suas bandeiras, ficaram eufóricas quando da leitura da referida Carta. Aguardávamos o fim do evento para retornarmos para casa. Os ônibus nos esperavam próximo ao Instituto Nacional do Seguro Social, o INSS. Estávamos cansadas, mas realizadas. Uma sensação de alívio tomava conta. A viagem de volta foi marcada por muita animação. A sensação de alívio era perceptível na leveza presente nas músicas cantadas, revelando por vezes dores de amor e sentimentalismos. A bebida da terra, a cachaça, dava aval para a descontração.

Eu estava vibrante. Cansada, mas feliz. O banho tomado na primeira parada da volta levou todo resquício de medo que tínhamos no início da viagem. O pôr do sol avermelhado do Centro-Oeste do país dava o tom à satisfação que eu sentia àquele momento. Não voltamos em comboio, logo, a espera nas paradas era menor. Em quatro dias, aquele banho em Goiás tinha sido o mais demorado. Alimentadas, banhadas e felizes, seguíamos lembrando que ainda teríamos dois dias de estrada pela frente. Aproveitei e adquirir uns CDs e DVDs que embalsamaram os dois dias seguintes. Naquele fim de tarde, todas cantavam, dos seus assentos, do meio do ônibus, ao microfone. Uma delas, Penha, era praticamente a nossa cantora oficial, tinha um rico repertório de músicas de nossa MPB, que entoava de cor. Ela cantou Faroeste Caboclo, de Legião Urbana, e não pulou uma só linha. Músicas de forró, serestas e bregões também deram o tom. Não teria comemoração melhor.

Na última noite de viagem, a da quinta-feira, nem dormi. Viramos à noite conversando, eu e outras Margaridas mais jovens, ao fundo do ônibus, comendo toda sorte de petiscos e comidas que outrora sobraram. Lembro de olharmos pela janela, conferido o relógio e já estarmos no Sertão da Paraíba pela madrugada.

¹ A Carta de Lula às Margaridas pode ser consultada em: <https://ptnacamara.org.br/portal/tag/carta-de-lula-as-margaridas/>. Acesso em: 28 jan. 2021.

Nas paradas, as Margaridas sempre estavam sorridentes e tirando fotos sozinhas ou em grupos. Estas só foram compartilhadas quando da chegada em suas casas, na manhã da sexta-feira, dia 16, como nos tinham sugerido. A essa altura já eram muitos os convites para eu comer galinha de capoeira nos sítios delas e muitos também os grupos de WhatsApp. Foram muitos os áudios enviados nos grupos com notícias das Margaridas, dizendo que haviam chegado bem em suas casas e comunidades, e agradeciam. Mencionavam, ainda, que a luta não parava e que dali para a frente estariam juntas. Fora criada ali uma irmandade. E, de fato, encontrei muitas delas na Marcha do Polo da Borborema, em março de 2020, ano seguinte.

Nos encontramos, firmes e animadas, naquele último encontro coletivo presencial pré-pandemia. Dois dias depois, eu já de volta a Salvador, foi declarado estado de calamidade pública e sanitária em virtude da Covid-19. Sobrevivemos, atravessamos o negacionismo, nós e a luta das Margaridas, que segue firme.

Referências Bibliográficas

- Elias, Norbert; Scotson, John L. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar
- Geertz, Clifford. 2009. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Sobreira, Dayane Nascimento. 2022. *“Olha Brasília está florida, estão chegando as decididas”:* *Experiências de um feminismo rural no Brasil a partir da Marcha das Margaridas*. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador.

sobre a autora

Dayane Nascimento Sobreira

Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (UFBA). Mestre em História e especialista em Educação do Campo (UFPB). Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba e desenvolve estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande-PB.

Autoria: A autora é responsável pela coleta de dados, sistematização e síntese dos argumentos apresentados ao longo do texto, bem como por sua escrita.

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ).

Recebido em 17/06/2024.

Aprovado para publicação em 30/10/2024.